

A NOÇÃO DA HISTÓRIA DA FILOSOFIA

Vanise Cristina Ribeiro Zoto (PIBIC/CNPq/FA/Uem), Paulo Ricardo Martines (Orientador), e-mail: prmartines@uem.br.

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas e da Filosofia / Maringá, PR.

Filosofia / História da Filosofia

Palavras-chave: Ecletismo, estruturalismo, tempo lógico.

Resumo:

O projeto em questão concerne à investigação acerca da noção de História da Filosofia, com o intuito de retratar suas origens, principais representantes e desdobramentos dentro da tradição francesa. O exórdio foi a investigação da perspectiva hegeliana, com intenção de vislumbrar a dicotomia no entendimento historiográfico da dupla Friedrich Hegel e seu discípulo Victor Cousin, em contraposição à Émile Bréhier e Victor Goldschmidt. Houve a averiguação de termos particulares de cada autor; para posteriormente, compreender as propriedades inerentes ao método estruturalista. Os autores escolhidos Bréhier e Golschmidt se remetem sobretudo à tradição francesa, e neste presente trabalho houve a análise, sobretudo, dessa perspectiva, a estrutural; como método de interpretação das doutrinas filosóficas e dessa nova ferramenta na História da Filosofia.

Introdução

A História da Filosofia é a incumbida de voltar o olhar à magnitude de doutrinas, e compreender a complexidade de cada uma delas, além de sua importância intrínseca. A partir da necessidade de se compreender um pensamento já edificado, conceber suas normas internas, o movimento do texto e o sentido que se pressupôs; autores como Friedrich Hegel, Victor Cousin, Émile Bréhier e Victor Goldschmidt voltaram seus esforços a fim de conceber métodos particulares para vislumbrar a Filosofia e sua abundância no que diz respeito à teses e doutrinas. A exigência do compromisso de não corromper as filosofias, não as deturpar torna-se uma diretriz a ser cumprida, e este presente trabalho possui como intento analisar as distintas perspectivas e de que modo se adequam a este desafio. No decorrer do mesmo, os esforços se voltam ao estudo da tradição francesa; sobretudo, ao método estruturalista, nova ferramenta de análise das filosofias em prol do empenho investigativo.

Revisão de literatura

Os autores como Friedrich Hegel, Victor Cousin, Émile Bréhier e Victor Goldschmidt foram estudiosos da historiografia filosófica, e escolhidos neste neste projeto de

iniciação com intuito de captarmos os componentes essenciais de cada um deles em relação à História da Filosofia e seu intrínseco objeto de estudo – a própria Filosofia. Realizamos a análise de conceitos essenciais e característicos da primeira dupla Hegel e seu discípulo Cousin, como respectivamente: a noção de totalidade em relação às doutrinas filosóficas e seu tratamento; e o entendimento do conceito de ecletismo como método historiográfico da justaposição de teses e argumentos. A segunda dupla por sua vez, Bréhier e Goldschmidt referem-se à tradição francesa e foram adeptos da metodologia estruturalista. O estruturalismo emerge como método sob premissa de apreender a Filosofia e sua história com maior rigor interpretativo. Os autores escolhidos, desenvolvem uma reflexão mais direta sobre a historiografia, e assim, investigamos noções próprias e/ou destacadas por eles, como respectivamente: a importância do conhecimento da intencionalidade e contexto do filósofo; e a busca por apreender as razões múltiplas e internas de um sistema filosófico, além de situar-se no dito tempo lógico condição própria das filosofias.

Resultados e Discussão

O primeiro autor contemplado ao estudo foi Hegel, um dos percursores estudiosos da História da Filosofia. É possível perceber a forma pela qual o tempo é proporcional ao desenvolvimento, fato que corrobora à edificação total da Filosofia, pois, segundo Hegel: “É isso de tal maneira, que a última filosofia aparecida no mundo é o resultado, o somatório, o fecho, o remate e a conclusão de todas as filosofias que a precederam anteriormente, devendo conter por consequência os princípios essenciais de todas elas”. (HEGEL, 1992, § 13 e 14). A relação entre pensamento e o tempo que lhe é próprio, se constitui como peça chave no entendimento da historiografia filosófica hegeliana, e no que diz respeito ao tempo, remete-se ao contexto histórico. Cada pensamento filosófico fundamenta-se conforme às questões que o momento vívido se apresentou ao filósofo. Ou seja, a partir da conjuntura específica, o pensamento concebido era cerceado pelo seu tempo e lugar, equivalente aos contextos, sejam eles de cunho moral, social e político-econômico. É a partir dessa noção que flui a compreensão da historiografia filosófica hegeliana. Não de forma individual e restrita, mas, com base à apreensão mais ampla acerca das relações entre filósofos, contextos epocais sob os quais eram concebidos os pensamentos específicos e como se constituíam esses momentos específicos que influíam os filósofos em seus pensamentos. Por isso, a perspectiva hegeliana visa examinar a Filosofia como um todo, intimamente interligada e meândrica por sua constituição.

A disciplina História da Filosofia foi muito valorizada na França no início do século XIX e teve seu ponto de partida na obra e pensamento de Victor Cousin, contemporâneo e discípulo de Hegel. A história da filosofia para Cousin é entendida a partir da perspectiva filosófica do *ecletismo*. Este sistema, baseia-se na efetividade da justaposição de teses e argumentos provenientes de doutrinas filosóficas distintas, a fim de constituir um ponto de vista pluralista. O mesmo procura compreender as doutrinas a partir da concepção como sendo discursos parciais de uma verdade singular e abrangente; por isso, essa tendência corrobora à visão pluralista de doutrinas filosóficas, realizando a seleção e catalogação destas.

Tem-se então a imagem de um quebra-cabeça. As peças que não encaixarem no conjunto serão consideradas 'falsas'; as que nele se encaixarem, ao contrário, formarão o todo 'verdadeiro', cujo desenho, formalmente pressuposto, apresentará um conteúdo presumivelmente coerente e pleno de sentido filosófico. (MARQUES, 2007, p. 50).

O propósito do ecletismo, portanto, centra-se em arquitetar um sistema de estabilidade, para a identificação das verdades intrínsecas presentes nos mais díspares sistemas. Deste modo, terá como pauta atingir mediante a pluralidade dos sistemas filosóficos, elementos de intersecção, ou seja, obter um componente superior, proporcional às distintas doutrinas filosóficas.

É sabida a preocupação sobretudo em conduzir a Filosofia como uma ciência rigorosa, e, portanto, se valendo da História da Filosofia, se busca atingir a objetividade para que seja possível ser apresentada e interpretada por aqueles que possuírem contato com os sistemas filosóficos. Por isso que o método estrutural foi adotado por autores como Émile Bréhier e mais tarde por Victor Goldschmidt que possuem sobretudo o intento de resgate da lógica do sistema, e se valendo dele, buscam conhecer como ele funciona pessoalmente no que diz respeito a cada autor. Não se trata de estabelecer pressupostos no tratamento dos argumentos, mas, de trazer à tona *quais são* eles; e *como* tornam-se um arranjo a fim de corroborar à obra; visto que foram escolhidos não arbitrariamente, mas presumindo um sentido interno. O filósofo desempenha o papel de observador e/ou protagonista da humanidade. Como tal, entende como palco o mundo e verifica em sua maioria os fatos macroscopicamente, ou seja, vê e vive a realidade em tempo real, não possuindo a possibilidade de isentar-se do contexto ao qual estamos inseridos, e mesmo se fosse possível, o sentido do ser humano se perderia. É por meio dessa simplória metáfora que se torna ainda mais evidente a verossimilhança em relação à filosofia, e Bréhier evidencia essa tese: "Isolar uma doutrina do movimento de ideais que a determinou, do sentimento e da intencionalidade que a dirigem, considerá-la como um teorema que exige prova, é substituir por um pensamento morto um pensamento vivo e significativo" (BRÉHIER, 1977, p. 13). A leitura estruturalista requer esse olhar aprimorado em relação aos pressupostos do filósofo; a obra por assim ser, preza essa visão singular mediante as razões internas que reunidas formam o sistema filosófico.

O autor Goldschmidt sequencia esta perspectiva, e alude que a filosofia demanda entendimento gradual; pois, o intento final é alcançado no acompanhamento dos movimentos filosóficos, tais que se sucedem e desdobram. Por assim ser, a verdade não é alcançada facilmente, mas exige sobretudo o comprometimento com as razões múltiplas e internas, dadas em períodos e graus distintos. Goldschmidt prossegue, referindo-se agora à argumentação acerca do caráter inerente dos sistemas filosóficos, realçando que a compreensão dos mesmos não se refere apenas à sua verdade excêntrica, mas a compreensão da filosofia como una, porém internamente fragmentada por teses e movimentos, e devido este fato menciona:

Esses movimentos, efetuando-se num tempo lógico, implicam memória e previsão; mesmo se eles se apresentam como rupturas, são feitos em conhecimento de causa; são decisões ("batalhas", dizia Descartes); o que, ao mesmo tempo, mede a coerência de um sistema e

seu acordo com o real, não é o princípio de não contradição, mas a responsabilidade filosófica. (GOLDSCHMIDT, 1963, p. 146).

Por assim dizer, a demanda do historiador em relação à obra é assim pensada em termos estruturais. As minúcias que compõem a obra são construídas no tempo lógico, pois compreendem criações equivalentes a um tempo metodologicamente construído. Todavia, o autor enfatiza que o historiador não detém o cargo daquele que realiza críticas, do desejo de reparos ou da tentativa de modificação, mas, “ele é quem deve aceitar ser dirigido, e isso, consentindo em colocar-se nesse tempo lógico, de que pertence ao filósofo a iniciativa.” (GOLDSCHMIDT, 1963, p. 147).

Conclusões

A História da Filosofia inegavelmente tornou-se palco de distintas formas de interpretação dos sistemas filosóficos, e além disso, perspectivas singulares no que diz respeito a si mesma. Os métodos de tratamento por mais variados que fossem, abrigavam compromissos próprios; e a busca por alcançar um padrão era constante, para assim ser possível analisar as doutrinas e a forma pela qual cada filósofo manifestava-se. O que há de mais certo é a sua importância para a própria Filosofia, uma sociedade que não reflete seu interior, está fadada ao fracasso; e não seria diferente na Filosofia. A Filosofia se insere no mundo a partir do momento que reflete a realidade, e são os filósofos que traduzem ao longo dos anos por meio de seus sistemas os acontecimentos da humanidade, as questões que a permeia, as imbricações à vida humana e tudo que possa ser inerente à vida.

Agradecimentos

Agradeço a Capes e CNPQ pela oportunidade de amadurecer academicamente, e mais além, para a vida. Sou grata pela oportunidade de poder ter realizado uma pesquisa de iniciação científica e acessar novos conhecimentos que colaboraram ao meu eterno desenvolvimento enquanto aluna e pesquisadora. Tais experiências são singulares principalmente a nós, alunos, e com certeza nos impulsionam ao futuro acadêmico.

Referências

- BRÉHIER, E. **História da Filosofia**. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1977.
- GOLDSCHMIDT, V. “**Tempo Histórico e Tempo Lógico na Interpretação dos Sistemas Filosóficos**”. In: A religião de Platão. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963.
- HEGEL, G. W. F. **Enciclopédia das ciências filosóficas**. Tradução: Arthur Morão. Lisboa. Ed 70, 1992.
- MARQUES, U. R. de A. **A escola francesa de historiografia da filosofia**. São Paulo: Editora UNESP, 2007.